

# FATOS E NOTAS

---

## CRISTÓVÃO COLOMBO E A AÇÃO PAPAL.

---

Colombo, como outros numerosos genoveses e italianos, vivia em Lisboa, onde fôra aprender a grande arte náutica da navegação.

Antes era capitão de uma pequena embarcação ao serviço de Renato de Anjou, Senhor de Provença e Rei de Nápoles. Fugindo talvez dos horrores de uma cidade italiana, como era Milão, trabalhada por intrigas, descontentamentos, desordens, traições, amarguras, suspeitas e temores de toda ordem e feitio, êle a abandona e vai para Lisboa com o seu irmão Bartolomeu que, como cosmógrafo, fazia cartas para os navegantes do rei, pois

“Portugal era famoso por el atrevimiento de sus naves y por el descubrimiento de várias tierras del Africa. Allí se congregaban todos los italianos ansiosos de gloria y ávidos de tentar la fortuna”.

Ali também Colombo tão logo chegou, tão logo obteve a sua oportunidade, indo em aprendizagem, com os portugueses, até **Frislândia** (atual Islândia) e costas da Groenlândia. Depois à Guiné, à Inglaterra e às ilhas de Espanha e Portugal

“y estos viajes fueron para aquel hombre singular una verdadera academia”,

como disse D. Gio Batista Sportono e daí também se pode inferir que a famosa Escola de Sagres estava muito mais no mar que em qualquer promontório. Quando em Lisboa, antes ou na volta de suas viagens marítimas, estudava história, filosofia, religião, fazia cartas e esferas. Através destas chegou à crença de que o mundo era realmente redondo e se a sua convicção pudesse ser confirmada ou êle encontraria terra ou volveria ao mesmo ponto, no caso de não naufragar, numa viagem de circunavegação.

Arriscar a vida por um ideal é a coisa mais simples deste mundo para um homem de gênio. Além disso êle escutava da bôca de navegantes portugueses as notícias, ora em caráter sigiloso, ora misterioso, de que depois de muito navegar encontravam pelo oceano ramos de espécies de árvores des-

conhecidas na Europa, trazidos do Ocidente talvez pelos “vientos gallardos” e, como entre êstes pedaços de madeira, alguns eram **trabalhados** por mãos humanas, por conseguinte deveriam existir outras terras e terras **habitadas**.

Como diz muito bem D. Gio Batista Sportono:

“II — Teniendo Cristobal conocimiento de los geógrafos y de los viajes hechos por los navegantes más antiguos, y sabiendo cuantos grados habia desde la China al meridiano de Groenlandia, podia computar muy facilmente cuantos grados quedaban que recorrer; y no solo los grados, sino las millas, pues se sabe por su carta, publicada por Morelli, que él habia calculado el grado en la linea equinocial del Sol, em 56 2/3 millas. Por consiguiente, teniendo él por cierto que la tierra tuviese la forma esferica, y habiendo calculado cuantas millas quedaban del meridiano, que conocia, de Groenlandia hasta el Catai, no le quedaban mas que el arriesgar su vida à merced de las ondas; y esto por lo tocante à la primera parte del designio, que era encontrar la via maritima à las costas estremas del Africa”.

Mas se Colombo sabia que a terra era redonda, o que êle não podia ou não queria saber muito bem era de política, de segrêdo de Estado. Em suma, êle ignorava que o govêrno português não tinha interêsse em descobrimentos. E muito menos em revelação de descobrimentos. Isto será melhor comprehendido quando estudarmos a ação papal de Urbano IV e Alexandre VI.

De outro lado, Gênova também não queria saber de tais aventuras, numa demonstração instintiva de auto-defesa, pois viria conhecer por experiênciã na própria carne que o comércio da Ligúria seria golpeado pelos descobrimentos lusos, conforme mostra Prévost na sua **História Geral das Viagens** (1). Portanto, só lhe restava bater às portas da França e Inglaterra, como realmente bateu. Não encontrou, pois, apôio em nenhuma parte, inclusive em Portugal que deu de ombros. Assim, em 1484, desgostoso com a frieza e o desinterêsse portugueses, ressentido em parte e, por isso desejando vingança, e, em parte, impulsionado pela voz do destino, que é poderosa, ofereceu os seus serviços à Espanha, tradicional inimiga dos portugueses e reduto de judeus. Lembramos isto porquanto entre os que advogaram juntos aos Reis Católicos a causa de Colombo não se pode esquecer Luís Santangei, ju-

---

(1). — Vol. XVIII, livro I.

deu aragonês e o próprio reino de Aragão estava pregueado de judeus, amigos e protetores de Colombo que iriam conhecer a adversidade, a ingratidão real e a perseguição antes mesmo que a empresa tivesse sucesso, pois em março de 1492, por uma provisão real de Granada se determinou que os hebreus saíssem dos reinos da Espanha.

Incidentemente é que nos referimos a isto. Vejamos, porém, como foi recusado em Portugal e como suas ofertas mirabolantes foram rechassadas.

Conta João de Barros que êle se dirigiu a Dom João e como foi recebido. O rei lhe deu pouca fé. E contudo, forçado pelas suas **importunidades**, enviou-o a falar com Monseñhor Diego Ortiz, bispo de Ceuta e com os mestres Rodrigo e José... e todos unânimemente julgaram insensatas e loucas as suas palavras e pretensões. Desenganado, obteve porém licença do Rei e foi à Castilha.

Aí se vê claramente que o governo português foi molestado com o desazimento, com a impertinência, com a indiscricção e com a intempestividade de Cristóvão Colombo. Tentando desanimá-lo e liquidá-lo de uma vez por todas, ridicularizou-o, mandando-o primeiro ao bispo — possível ameaça de heresia — e depois a dois mestres e todos nós sabemos o que significa a expressão **vá se queixar ao bispo** ou a recomendação de professôres para quem se julga dono de uma arte.

Don Fernando e Isabel eram naqueles tempos os monarcas da Espanha e Don Fernando em seu relato sôbre o episódio, deturpou-o, como querendo desviar a atenção para o facto de que as terras já eram do conhecimento dos portugueses, escrevendo que assim que Dom João recebeu a Cristóvão Colombo, armou uma caravela e a enviou no caminho por êle descrito, e, tendo ela voltado dias depois, riu-se o monarca luso, da empresa, declarando ser impossível.

Mas o que era inadmissível era a intempestividade da pretensão de Colombo, pois na época o Papa era espanhol e cabia a êste a última palavra na concessão de terras a descobrir ou descobertas. Não estranhemos também o fraseado que está na Bula de Urbano, concedendo-as aos portugueses e êstes não iriam pleitear coisas sem interêsse certo, ou inseguras, pois tais pedidos ao Papado costumavam sair muito caros aos postulantes.

Logo que chegou na Espanha Colombo arranjou, entre outros, a proteção do nuncio pontifício, Monsenhor Antônio

Geraldini de Ameria e a de Luís Santagelo que já conhecia e através dêles se aproximou dos Reis Católicos, mas com muito cuidado. Explica-se a precaução: a matemática e a cosmografia eram desconhecidas na Espanha, considerando-se heresia crer-se na existência das antípodas, pois Lirano e Santo Agostinho tinham sido de opinião contrária. Seria não só perigoso afrontar a heresia, pois nela êle que não temia os perigos do mar poderia se naufragar, como também naufragaria certamente na inveja, se não fôsse prudente, astuto e amoador.

Assim disse que acreditava na existência de outras terras sem explicar teoricamente porque acreditava e nem mesmo entrou em detalhes acêrca do caminho. Foi meio vago na exposição, porém seguro numa coisa: queria as naus equipadas. O resto seria por sua conta.

Mas além das naus os Reis Católicos lhes outorgaram uma porção de títulos e honrarias bem como privilégios, inclusive o título máximo para o momento, de **Almirante Mayor del Mar Oceano e Virey y Gobernador de las Islas**.

Mais tarde, no entanto, êle iria colher apenas um acerbo punhado de invejas e ingratidões e delas se queixaria assim, numa carta sem data, à ama do Príncipe D. Juan, ao vir prêso das Índias:

“Si mi queja del mundo es nueva, su uso de mal-tratar es de muy antiguo. Mil combates me ha dado, y a todos resisti, fasta ahora que non me aproveché armas ni avisos, con crueldad se tiene echado al fondo. — La esperanza de aquel que crió á todos me sostiene. — Su socorro fué siempre muy presto. — Otra vez y non de lejos, estando yo mas bajo, me levantó con su braço divino diciendo: O hombre de poca fee, levantate que yo soy: non ayas miedo.

Yo vine con amor tan entrañable a servir a estos Principes, y he servido de servicio, de que jamas se oyó ni vido”.

Depois de ajuntar que fêz a rainha herdeira de tudo, pois tudo tomou em nome dela diz:

“Syete años se pasaron en la practica y nueve executando. — Cosas muy señaladas y dignas de memoria se pasaron en este tiempo: de todo non se hizo concepto. — Llegué yo, y estoy que non ha nadie tan vil que no piense de ultrajarme: por virtud se contará en el mundo à quien puede no consentillo.

Si yo robara las Yndias, ó tierras que ja hacia ellas, de que agora es la fabla del altar de San Pedro, y la diera a los moros, no pudieran en España amostrarme mayor enemiga. Quien creyera tal a donde ovo siempre tanta nobleza?"

E' que o pobre Colombo conhecia de longe e, por isso, tudo era nobre, mas depois que a sua emprêsa e a sua fortuna os puzeram em contacto com êsses nobres, pôde aquiatar quanta vileza havia em Isabel, em Fernando, nos clérigos, na côrte e mesmo no povo, pois depois de ter conquistado tantas terras para êles, reduzido à miséria, tinha que comer em **fonda** e muitas vêzes sem ter com que pagar, morrendo pobre, esquecido, desprezado e ridicularizado em Valladolid, porque não existe nenhum pior inimigo do homem que a inveja e os feitos do genovês eram de tal ordem grandiosos que conjuravam a inveja do mundo. Além disso, êle vivia e servia na invejosa e rancorosa Espanha. Não só de espanhóis residentes na Espanha, mas de espanhóis que foram consigo pelos mares nunca dantes navegados, agasalhava máguas, deitando sobre êles a sua acerba, porém, justa verrina. Assim se refere às calúnias que contra êle assacavam os maus espanhóis, aos quais levava como tripulantes em suas viagens e que decepcionados por não terem tido sorte de encontrar ouro e nem lhes sendo permitido, por Colombo, cometer iniquidades contra os naturais o intrigaram com o Rei:

"Pluguiera a Nuestro Señor que S. A. le embianan a el o a otro, dos años ha, por que yo fuera ya libre de escandalo y disfamia; y no se me quitara mi honrra y la perdiera. — Dios es justo y ha de hacer que se sepa por que y como. Alli me judgan como a Gobernador que fêe a Ciçilia, ó a cibdad ó Villa puesta en regimiento, y a donde las leys se pueden guardar por entero, syn temor que se pierda todo Yo reçibo grande agravio. Yo devo ser judgado como capitan que fue de España a conquistar fasta las Yndias a gente belicosa, y mucha, y de costumbres y seta a nos muy contraria: los quales viven por cierras y montes, syn pueblo assentado, ni nosotros; y a donde por voluntad divina he puesto so el Señorio del Rey e de la Reyna nuestros Señores otro mundo; y por donde la España, que era dicha pobre, es la mas rica".

Depois, mais adiante, mostra a riqueza não só em ouro e pedrarias que jogou portas adentro de Espanha, como também o domínio de mar e terra, a ela Espanha que, pela igno-

rância náutica, cosmográfica, geográfica e matemática não podia aspirar a isto, que, de direito, pertencia aos portugueses:

“Del oro y perlas ya esta abierta la puerta; y cantidad de todo, piedras preciosas y especieria y de otras mill cosas se puede esperar firmemente; y nunca mas mal me viniese, como con el nombre de Nuestro Señor le daria el primer viage, asy como diera la negoçiaçion del Arabia feliz fasta la Meca, como yo escrivi a S. A. don Antonio de Torres en la respuesta de la reparticion del mar e tierras con los portugueses: y despues viniera a lo del polo artico, asi como lo dije, y di por escrito en el monasterio de la Mejorada.

Las nuevas del oro que yo dixee que diria, son que dia de navidad estando yo muy afligido, guerreando de los malos Cristianos y de Yndios, en término de dejar todo y escapar, si pudiese, la vida, me consoló Nuestro Señor milagrosamente, y dijo: Ea fuerça: nõ desmayes, ni temas: yo proveeré en todo: los syete años del termino del oro non son pasados; y en ello y en lo otro le daré remedio. Ese dia supo que avia ochenta leguas de tierras, y en todo cabo dellas minas: le parecer agora es que sea toda una”.

Além dizia, não como quem pede clemência por ações praticadas — e não entramos no mérito das mesmas — mas pede estritamente justiça:

“Si todavia mandan que otros me judgan, lo cual non espero, y que sea por pesquisas de las Yndias, muy humillmente les suplico que embien alla dos personas de conçiencia y honradas a mi costa, las quales creo que fallaran de ligero, agora que se falla el oro, çinco marcos en quatro oras: con esto y syn ello es muy neçessario que lo provean”.

Tôda essa malquerença do povo espanhol ao genovês se devia apenas, e exclusivamente, à inveja. Ninguém se conformava com o fato de que um homem, antes humilde e desconhecido, tivesse atingido tanto, graças a seu arrôjo e à sua sorte. E tivesse em Bula o seu nome eternamente ligado ao destino da empresa, como estava na Bula de Alexandre VI:

“...sed tandem, sicut Domino placuit, regno praedicto recuperato, volentes desiderium adimplere vestrum dilectum filium Christoforum Columbum, virum utique dignum et plurimuus commendandum, ac tanto negotio aptum cum navigiis et hominibus ad similia instructis, non sinc maximis laboribus et periculis, ac expensis, destinastis, ut terras firmas et insulas remotas et incognitas

hujusmodi, per mare ubihactenus navigatum non fuit (2), diligenter inquireret. Qui tandem, divino auxilio, facta extrema diligentia, in mari Oceano navigantes, certas insulas remotissimas et etiam terras firmas, quae per alioshactenus repertae non fuerant, invenerunt; in quibus quamplurimae gentes pacifice viventes, et ut assesitur, nudaee incedentes, nec carnibus vescentes, inhabitant: et, ut praefati nuncii vestri possum opinari, gentes ipsae in insulis et terris praedictis habitantes, credunt unum Deum creatorem in coelis esse: ac ad Fidem catholicam amplexandum, et bonis moribus imbuendum satis apti videntur; spesque habetur quod si erudirentur, nomen Salvatoris Domini Nostri Yesu Christi in terris et insulis praedictis facile induceretur”.

Neste trecho se verifica uma inverdade: que o mar jamais fôra navegado e isto deveria ser uma arcabuzada com enderêço. Os portuguezes a receberam. Mas há uma boa confissão de verdade: os índios andavam nus e não se alimentavam de carne. As lendas de antropofagia mais tarde espalhadas não passavam de maldosas e perversas mentiras de europeus para pintarem uma coragem que não possuíam e assim aumentarem o próprio valor da emprêsa. Bem diz o anexim castelhano: **para luengas tierras, luengas mentiras...**

Há também uma referência aos bons costumes que deve ser retificada, pois é certo que apesar de nus os índios tinham a sua moral e a êles não caberia a glória de difusores do mal gálico. Caberia, isto sim, o triste destino de vítimas do mal gálico europeu. E nessa bula — **o tempora, o moris!** — o Papa encarregava linhas adiante, aos espanhóis, expressamente, o dever de evangelização:

“Et in super mandamus vobis in virtute sanctae obedientiae, ut (sicut pollicemini, et non dubitamus pro vestra maxima devotione, et regia magnanimitate vos esse facturos) ad terras firmas et insulas praedictas viros probos et Deum timentes, doctor, peritos, et expertos ad instruendum incolas et habitatores praefectos in Fide catholica, et in bonis moribus imbuendos, destinare debeatis. omnem debitam diligentiam adhibentis”.

Além disso, o Papa proibia, sob pena de excomunhão, que qualquer pessoa se acercasse dessas ilhas e terras, descobertas e a descobrir, sem licença especial dos ditos Reis Católicos ou sucessores. Nos têrmos em que pontificou tem-se a impressão

---

(2). — “Los escandinavos saltaran a través de las Feroe e Islandia, y de ellas al Norte America” (en el siglo XI) Cordero Torres, *Política Colonial*, pág. 255.

de que Colombo encontrara do outro lado, um mundo de civilização já em estágio adiantado, pois do contrário os espanhóis não iriam fazer com que na referida Bula se protegessem direitos sobre castelos, cidades, vilas e jurisdições. Se Colombo não tivesse encontrado uma sociedade já organizada a Bula certamente falaria apenas em domínios e limites, ou no máximo em aldeamentos e tabas e, no entanto, fala expressamente em cidades e castelos:

“...cum omnibus illarum dominiis, civitatibus, castris, locis, et villis juribusque, et jurisdictionibus, et pertinentiis universis, vobis heredibusque et subcessoribus vestris Castellae et Legiones Regibus, in perpetuum tenere prae sentium donamus, concedimus, et assinamus...”.

As doações de Alexandre VI foram também geograficamente amplíssimas, abrangendo terras e ilhas de polo a polo descobertas e a descobrir:

“...omnes insulas et terras firmas inventas et inveniendas, detectas et detegendas, versus occidentem et meridiem, fabricando et constituendo unam lineam a polo arctico, scilicet septentrione, ad polum antarcticum, scilicet meridiem, sive terrae firmae et insubae inventae et inveniendae sint versus Indiam, aut versus aliam quancunque partem; quae linea distet à qualibet insularum, que vulgariter nuncupantur de los Açores et Cabo Verde, centum leucis versus occidentem et meridiem...”.

O que se poderia válidamente contestar, à luz da filosofia natural, seria o direito de um papa dispor de um mundo que pela própria bula era habitado por outra gente e que tinha outros costumes, outro gênero de vida e tipo de civilização. Os nativos da América, África e Ásia tiveram nas religiões cristãs os seus mais ferozes inimigos e é bem possível que ainda a essas horas Alexandre VI e outros Príncipes da Fé estejam desfrutando as delícias do inferno em companhia de Isabel e Fernando. O que se poderia discutir seria a legitimidade moral de se substituir uma crença por outra, a ferro e fogo, com violência e corrupção (3). Isto parece um paradoxo para quem não entende que a religião foi sempre sinônimo de violência: violência contra os indivíduos, violência contra os povos, sempre

---

(3). — O exemplo papal frutificou em zelo no mundo todo e, entre muitos outros, o cônego Jules Tournier, no seu livro, *La Conquête Religieuse de l'Algerie — 1830-1845*, apresenta com muito orgulho o retrato de uma mesquita argelina saqueada pelo ardor clerical, transformada em igreja católica e -pelo piedoso zelo francês, dedicada a São Filipe, em 1842.

que decorreu de imposição e não de fenômeno natural. Este aspecto sociológico do processo competitivo no terreno da fé determinando a luta religiosa, aberta ou dissimulada, foi e é, um dos mais negros capítulos da história das religiões e quase se diria que este foi o instante em que o demônio reinou e governou como quis naquilo que estava consagrado a Deus. Quando os homens fizeram da casa de Cristo um covil ímpio de comparsas, nêle sentou-se o diabo e foi adorado. Mais do que em nenhum momento da história dos descobrimentos, o momento bulário foi um momento de satã. A bula de Alexandre VI veio estabelecer um conflito não apenas potencial, mas vivo e atuante entre o mundo hispano-luso. Oficializou a briga de parentes dando-lhe um caráter mais profundo, fazendo com que de simples reinos mais ou menos desunidos nascessem duas nacionalidades.

Dom João a princípio quis declarar guerra à Espanha sob o pretexto de invasão dos domínios lusos, adquiridos também por meio de posse ou conquista e juridicamente formalizados sob a égide bulária do Papa Urbano. Depois fôra aconselhado de que não valia a pena recorrer a remédios extremos, porquanto Cristóvão Colombo descobrira apenas algumas ilhas.

Por êsse tempo também pela segunda vez Cristóvão Colombo quase foi morto, pois a primeira foi quando atracou na África. Um capitão português quis matá-lo, quando chegou nas costas do continente negro, mas com certeza meditou melhor e concluiu que o oceano poderia se incumbir desta tarefa, se Colombo naufragasse, o que seria certo, devido o estado avariado da nau. Deixou-o, pois, partir. Mas o oceano não quis chamar a si essa responsabilidade e o certo é que Cristóvão Colombo chegou são e salvo de volta e com quase tôda a tripulação.

Dom João chegou à conclusão de que Colombo realmente descobrira mais do que simples ilhas. Entrou em cena então a diplomacia, pondo em ação os princípios da política exterior da monarquia lusa e se assina o tratado das Tordesilhas, em virtude do qual o mundo ficava dividido entre dois povos cristãos. De certo modo êste tratado constituiu uma grande vitória espanhola e uma séria derrota lusa. Mas os lusos, através de tôda a história, iriam provar que apenas êles estavam aparelhados e dotados para a empresa colonizadora, pois enquanto o império hispânico iria se fragmentar em ódios e em lutas estéreis, pois em ódios e em lutas nasceu, o luso iria se manter mais ou menos coeso, em unidade e lingüística, racial e espiritual, entrosando o feixe de instituições sociais e políti-

ticas. Mesmo depois que outras grandes potências iriam se esborcinar uma a uma, como a Holanda, a Itália, a Inglaterra e França, em sua política colonial, Portugal iria se manter dentro daquele jeito de quem não quer nada, dentro daquele jeito tranqüilo de quem está assimilado e que, no entanto, no final de contas não passa é de grande assimilador, identificando-se racial e psicologicamente com as colônias em sua razão de ser e em seu destino.

Nisso Portugal usou mais o coração que nenhum outro povo, ou melhor, usou o coração com o estômago, o sexo e a cabeça e por isso nenhuma colonização teve um conteúdo tão cristão, pois amaram ao próximo, em corpo e alma, mais que a si mesmos ou tanto, e, sem os propósitos sinistros e egoísticos de outros colonizadores. Não impuseram nem o sacerdote e nem a Bíblia e até muitas vezes evitaram a ambos, como provam entre outros fatos, a nossa legislação minerária colonial, mas foi por isso mesmo que puderam disseminar melhor que nenhum outro povo as mensagens cristãs do “ama a teu semelhante como a ti mesmo”. Não foram culturalmente ruinosos nem para a América, África ou Ásia, pois deixavam que seus naturais escolhessem por si mesmos a religião, a moral, a alimentação, a medicina, isto é, os hábitos e gostos, em suma, o costume regional.

Admitiam o ecletismo, isto é, o cristianismo mesclado com místicas e mágicas africanas, asiáticas, islâmicas ou judaicas, até que com o tempo se fôsse purificando. O seu descuido em matéria de evangelização demonstra vivamente que consciante ou inconscientemente tripudiaram sôbre a teoria de evangelização dos povos recomendada na Bula de Alexandre VI, que aliás foi pèssimamente cumprida pela vocação **misional** da Espanha. Sòmente outras raças que não foram contempladas com a divisão do mundo iriam transformar a seu modo a Bula de Alexandre VI em inspiração e esteio para o domínio do mundo.

Martinho V e outros pontífices, especialmente Sixto IV, tinham doados, em várias bulas, à corôa portugêsa tudo que se descobrisse desde o cabo Bojador ao Cabo Não. Alexandre VI, porém, derruiu êste direito lusitano, concedendo-o aos espanhóis, pois o papa era espanhol, mas com a expressa condição de serem enviados sacerdotes para instruírem os naturais na Santa Fé de Cristo. Do que foi essa emprêsa de evangelização, só de lembrar causa arrepio. Em **Navidad**, por exemplo, ficaram uns tripulantes deixados por Colombo. Mal êste

vira as costas aquêles se entregaram a uma desordenada procura de ouro e de mulheres e se desavindo na porfia, mata-ram até a um dos seus. Com isto os índios abriram os olhos e passaram a ter a conduta que convinha: retalharam como supunham ser aconselhável, deixando de semear para que faltasse o alimento aos conquistadores. As desordens então aumentaram, pois a fome é má conselheira. Os índios não tendo armas eficientes para combater aos europeus prepararam emboscadas e guerrilhas destinadas a liquidá-los à prestações.

Mas os índios ou a América estavam de má sorte, pois na Espanha por essa época se publica um decreto, antes da terceira viagem de Colombo, enviando para o nôvo mundo todos os malfeitores condenados à morte. Assim se explica como as **Espanholas** se tornaram ninhos de corsários, de piratas, bucaneiros e abutres de tôda espécie que civilizavam e evangelizavam à própria maneira e à mando da Corôa, isto é, dos Reis Católicos.

Não só a mando, mas também a soldo, pois tendo Colombo em São Domingos sabido que 300 morreram miseravelmente, 160 tinham mal venéreo agravado e os demais sempre em luxúria, ira ou violência, provocando e matando aos mais fracos, propôs a todos os sublevados reenviá-los à Espanha, com o pagamento dos **soldos atrasados** e com a promessa de informar à côrte terem sido “buenos y leales servidores”.

Mas em vez dêles quem voltou e em condições humilhantes foi o próprio Colombo. Nesse interim, chegou uma nau dirigida por Andrés Martin, com ordem expressa de Bobadilla, ordem essa dada pelos Reis Católicos de prendê-lo e reconduzi-lo sob ferros, ao Reino, juntamente com os seus irmãos.

Logo que se afastaram de São Domingos, André Martin veio tirar-lhe os grilhões, mas Colombo, altaneiramente se opôs alegando que haviam sido postos por ordem realenga e que só por ordem idêntica consentiria em que fôsem tirados.

Ao chegar em Cádiz, Colombo escreve uma carta aos Reis Católicos, com data de 20 de novembro de 1500, descrevendo em palavras simples, mas vivas, a sua situação e a de seus irmãos.

Fernando e Isabel, fingindo compadecimento mandam soltá-los, ordenando na oportunidade que o Almirante fôsse à Granada, onde, realmente foi recebido pelos monarcas com doces palavras.

Colombo, porém, logo verificou que a cálida recepção não passava de um ardil mundano para encobrir a ingratição sofrida. Ademais, privaram-no dos bens duramente conseguidos e dos privilégios merecidamente recebidos, não o tratando mais de **virey y gobernador de las Indias**.

Mas a sorte, a sua inegável boa estrêla, desta vez ainda não o abandonaria.

Como se sabe, a Bula de Alexandre VI concedia a Cristóvão Colombo e apenas a êle o direito dos novos descobrimentos, tanto isto é exato e como tal cumprido rigorosamente que, tendo uma vez Pinzon tentado se antecipar, recebeu ordem terminante do Reino de não partir, senão em companhia de Cristóvão Colombo.

Os Reis Católicos eram extraordinariamente ambiciosos. Os limites do nôvo mundo outorgados por Colombo ainda lhes pareciam pouco e queriam mais, muito mais.

Organizou-se, pois, nova expedição que partiu de Cádiz aos 9 de maio de 1502 e, nos têrmos da Bula só um homem poderia comandá-la e êsse homem nos têrmos da Bula chamava-se Christoforum Columbum. Comandou, pois, a quarta expedição na qual levou entre os tripulantes, o seu filho de doze anos. A mesma se compunha de quatro naus.

Em São Domingos, Colombo se refugiou de uma tempestade e como Bobadilla ia zarpar, aquêle, esquecendo inimizades e demonstrando que era homem sem rancores, aconselhou-o a esperar que a borrasca amainasse. Bobadilla, orgulhoso e já bastante enraivecido com a fortuna de Colombo, não lhe deu ouvidos e partiu com 28 naus levando a todos os sublevados que não passavam de um bando endemoniado de criminosos. Nem bem, porém, saíram da barra foram ao fundo, engolidos pelas ondas bravias e pelo vento açoitante. Assim morreu o maior inimigo de Cristóvão Colombo.

De São Domingos seguiu Cristóvão Colombo a sua rota mar afora e tocou no Brasil, precisamente nas ilhas de **Pozas** e **Guanari**. Nesta última, seu irmão Bartolomeu, desembarcou para saber notícias dos naturais e da terra. Entrou em uma canoa, assim descrita, como se segue:

“Siguiendo Cristobal su navegacion, tocó en el puerto del Brasil; en las islas de las **Pozas** y la de **Guanari**: en ésta desembarcó su hermano Bartolomé, para tomar noticias de aquellos isleños y tomo una canoa que tenia una cubierta ó carroza de hojas de palma; la guiaban 25 hombres y bajo la carroza estaban las mujeres, los niños

y los víveres. — Maravilláronse los europeos de dos cosas: de que las mujeres se cubrían la cara, como las moras de Granada, con un pañuelo de algodón, y de que los hombres tenían cuchillos de cobre”.

Portanto, os índios do Brasil já viviam naquele tempo, segundo êste depoimento, num estágio de civilização superior ao da pedra lascada, pois conheciam os metais e dêles até se utilizavam, não apenas puro, mas em ligas. E nem há também nesse relato as lendas antropofágicas com as quais os religiosos costumavam criar para o povo crédulo e ignorante os seus heróis e seus mártires, os seus apóstolos e os seus santos. Antropófago em suas proezas sifilizadoras, como liria Eduardo Prado, foram os europeus, tanto é assim que mesmo nessa quarta viagem colombiana, de volta do Brasil e ao saírem de Jamaica, vejamos o que ocorreu:

“Poco despues de esa salida, dos hermanos apellidados Porras, sublevando á los españoles contra el Almirante que yacia enfermo, tomaron algunas canoas y seguidos de muchas personas, partieron para Haiti: mas no pudiendo vencer los vientos contrarios, mataran a los indios remeros y tuvieron que volver á Jamaica, en donde cometieron, innumerables excesos. Por este tiempo los naturales de las islas comenzaron á negar los viveres; pero Colón les anunció que tal barbaridad seria castigada por el Dios del cielo, y que dentro de pocas horas verian la señal de ello en la luna, (pues efectivamente aquella noche hubo un eclipse lunar) y de este modo consiguió que proveyesen con abundancia las cosas mas necesarias”.

Meridianamente aprecia-se aí dois fatos, um aliás já ressaltado, primeiro que a negativa de alimentos era arma indígena contra a luxúria e os crimes dos invasores e que Colombo mesmo em viagem estudava um pouco de cosmografia ou pelo menos tinha algo onde se informar sôbre o assunto.

Alexandre VI teria acertado muito e se revelado infalível se, em vez de mandar evangelizar os gentios, mandasse os Reis Católicos evangelizarem os próprios súditos!

O fato é que meio século mais ou menos depois das bulas colonizadoras de Alexandre VI, o arcebispo Tomás de Villanueva teve que tornar Valência a capital da contra-reforma e sagazmente precedendo as determinações do Concílio de Trento, fundou o primeiro seminário do mundo, no **Colegio Mayor de la Presentación de Nuestra Señora**.

Quase imediatamente depois Santo Inácio fundou em Roma o **Seminário Romano** e agora se pergunta que relação te-

ria a contra-reforma com a doação do mundo por Alexandre VI, aos católicos, ou mais objetivamente, a contra-reforma com a reforma?

Lutero e Calvino não representariam expressões nítidas de revolta racial contra uma preferência racial?

Todos os estudam à vista de fatos meramente religiosos e espirituais, mas o certo é que não existe nada tão ligado ao mundo e aos fatos sociais, embora de maneira conservadora e dentro do **statu quo**, que as religiões. Contrariamente à regra, estavam Lutero e Calvino que condenavam abertamente a corrupção, a sensualidade e a venalidade de muitos papas, muito embora êles mesmos tivessem sucumbido a tentações carnavais.

Há também a observar que os portugueses, talvez por razões históricas, não adotaram o catolicismo com caráter fanático e estatocrático dos espanhóis e mesmo antes, Portugal já demonstrara, durante o período de perseguição religiosa, uma atitude bem diversa. Verdade é que a Inquisição Portuguesa também deixou provas tenebrosas de conduta, porém não nos esqueçamos que ela em parte fôra dirigida contra os judeus para lhes arrebatam bens e haveres.

Certamente a Igreja tinha interêsse na defesa de seus dogmas e os defendiam bárbaramente, com fogueira, suplícios chineses e tudo, mas a Corôa também tinha muito interêsse em avançar no patrimônio alheio.

E enquanto Espanha e Portugal iam devorando tranqüilamente as riquezas do Novo Mundo e com elas comprando bugigangas na França e na Inglaterra, Lutero ia padecendo as suas provações espirituais, a sua **Anfechtung**, e iria de tal modo ser experimentado que acabaria renunciando completamente ao catolicismo.

De outro lado, pouco tempo depois o mesmo iria se dar com Calvino.

Êsses dois momentos, historicamente foram importantes, pois deram origem aos maiores inimigos do catolicismo e principalmente da Espanha e de seus **soi-disant** direitos legados pelo Papa.

Daí em diante, no Novo Mundo, os espanhóis iriam ter um sério competidor: o protestantismo sobraçando a Bíblia, também procurando avidamente terras para colonizar e incidentalmente almas para transmitir epístolas e salmos. Eram, pois, os novos evangelizadores, os piedosos apóstolos de Cristo —

**o tempora, o mores!** — e os fiéis e leais servidores da Rainha Isabel.

Na Flórida e em muitas outras partes do Novo Mundo, onde chegaram os protestantes, os espanhóis puderam apreciar como as suas almas foram evangelizadas! Agora não se tratava mais de simples emboscadas de índios mas de uma coisa muito séria, chamada a política colonial britânica, ou como se diz menos pomposamente, o imperialismo britânico.

**EDMUNDO M. GENÓFRE**